

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO - ICHI**  
**CURSO DE BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA**

Leandra Lima Farias

**BIBLIOTECAS E PORTADORES DE TRANSTORNO DO ESPECTRO**  
**AUTISTA: GUIA PRÁTICO PARA ACESSIBILIDADE**

RIO GRANDE, RS  
2019

Leandra Lima Farias

**BIBLIOTECAS E PORTADORES DE TRANSTORNO DO ESPECTRO  
AUTISTA: GUIA PRÁTICO PARA ACESSIBILIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado para o Curso de Graduação em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Maria de Fatima S. Maia

RIO GRANDE, RS  
2019

## **DEDICATÓRIA**

**Dedico esta monografia ao meu filho Pedro Farias Cornetet.**

## RESUMO

Este trabalho consiste em uma revisão de literatura que teve como principal objetivo a identificação de práticas bem-sucedidas de serviços e atividades em unidades de informação para atender indivíduos portadores de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Foram realizadas buscas em diversas bases de dados bibliográficas que permitiram reunir 39 trabalhos sobre TEA e bibliotecas. Esta pesquisa se justifica pelo fato de que as bibliotecas devem ser espaços inclusivos, acessíveis e sem nenhum tipo de discriminação. Os portadores de TEA tem comportamento diferenciado no que se refere aos aspectos de linguagem, interação social, percepção, atenção e memória. Portanto, as bibliotecas precisam buscar alternativas específicas para não excluir os portadores de TEA de seus espaços, serviços e atividades. Os resultados podem apoiar e orientar profissionais que atuam em bibliotecas e que muitas vezes não sabem como tratar estes usuários. Disponibilizar espaços mais silenciosos, usar ferramentas de realidade virtual, promover que proporcionem maior conhecimento sobre como conviver com os portadores de TEA estão entre as estratégias mais frequentes na literatura, no sentido de aumentar a acessibilidade em bibliotecas dos portadores de TEA. Acredita-se que o guia prático para acessibilidade seja essencial para ajudar o profissional bibliotecário a compreender seu usuário a partir de informações selecionadas pelos artigos para a composição do guia prático para acessibilidade de portadores de TEA.

**Palavras-chave:** Bibliotecas; Acessibilidade; Autismo; Transtorno Autístico; Acesso à Biblioteca; Guias.

## **ABSTRACT**

This academic work consists of a literature review whose main objective is focused on identify successful practices of services and activities in information units to assist people with Autistic Spectrum Disorder (ASD). Searches were performed in several bibliographic databases that allow to gather 39 works on ASD and libraries. This research is justified by the fact that libraries should be inclusive spaces, approachable and without any kind of discrimination. People with ASD have a different behavior regarding the aspects of communication, social interaction, perception, attention and memory. Therefore, libraries need to look for specific alternatives to avoid the practice of social exclusion on places, services and activities. The results can support and guide library professionals who often don't know how to treat these users. Providing quieter spaces, using virtual reality tools, promoting more knowledge about how to live with ASD sufferers are among the most common strategies in the literature to increase library accessibility of ASD sufferers. The practical accessibility guide is believed to be essential in helping the librarian to understand its user from the information selected by the articles for the composition of the practical guide for accessibility of ASD carriers.

**Keywords:** Libraries; Accessibility; Autism; Autstic Disorder; Library Accessibility; Guidelines.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**APA PsyNET- American Psychological Association - Scholarly Literature**

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BVS Psicologia - Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia

ERIC - Educational Resources Information Center

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

LISA - Library and Information Science Abstracts

MEC - Ministério da Educação

ONU - Organização das Nações Unidas no Brasil

OPAS – Organização Pan-Americana de Saúde

PNE - Portadores de Necessidades Especiais

SCIELO - Scientific Electronic Library Online

TEA - Transtorno do Espectro Autista

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura

WoS - Web of Science

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Gibi turma da Mônica edição especial – 2 de abril dia mundial do autismo.....	21
Figura 2 - Logotipos usados para identificar espaços e serviços acessíveis para autistas.....	21
Figura 3 - PECS - sistema de comunicação através de troca de figuras .....	36

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Quantidade de referências identificadas e selecionadas em cada fonte.....	27
Tabela 2 - Sistematização dos resultados dos artigos selecionados.....	28
Tabela 3 - Informações sobre TEA encontradas em fontes da internet, revistas não acadêmicas, websites, blogs, filmes e séries.....	33



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1.1 JUSTIFICATIVA.....	11
1.2 OBJETIVOS.....	12
1.2.1 Objetivo geral.....	12
1.2.2 Objetivos específicos.....	12
2 CONTEXTO DO ESTUDO.....	13
2.1 Históricos dos direitos para pessoas especiais: contribuições da educação.....	13
2.2 O aprendizado dos Portadores de Necessidades Especiais (PNE).....	15
2.3 Estudos anteriores sobre bibliotecas e usuários especiais.....	17
2.4 Alguns fatos sobre o Transtorno do Espectro Autista.....	20
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
5 Bibliotecas e portadores de TEA: guia prático para acessibilidade.....	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	39

## INTRODUÇÃO

As bibliotecas devem estar atentas para que todos os indivíduos tenham acesso ao conhecimento, sem qualquer tipo de discriminação, disponibilizando serviços qualificados para portadores de necessidades especiais, incluindo as pessoas com Transtorno do Espectro Autista.

O transtorno do espectro autista (TEA) se refere a um conjunto de condições que comprometem o neurodesenvolvimento de indivíduos, incluindo aspectos de linguagem, interação social, percepção, atenção e memória (OPAS, 2017). Sendo caracterizado como espectro, pode abranger sintomas de grau leve ou grave (ROCHA; FERREIRA-VASQUES; LAMÔNICA, 2019).

Conforme dados divulgados pela Organização das Nações Unidas cerca de 1% da população mundial – ou uma em cada 68 crianças – apresenta algum Transtorno do Espectro Autista (ONU, 2016). Sendo assim, se considerarmos esta mesma proporção e as estimativas da população do Brasil (IBGE, 2018), é possível inferir que existem cerca de dois milhões de brasileiros portadores de TEA.

A preocupação com o apoio a pessoas com deficiência no Brasil não é novidade, pois em 1854 e 1857 foram criados, respectivamente, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos e o Instituto dos Surdos Mudos na cidade do Rio de Janeiro. Mais recentemente, o Brasil também demonstra estar em sintonia com o tema através de diversas ações relacionadas com a Política Nacional de Educação Especial (MEC, 2008), que propõe estimular o acesso de portadores de necessidades especiais em todos os ambientes, incluindo os acadêmicos, desde o nível da educação infantil até o superior.

Nesse contexto, incluir bibliotecas que atuam nos ambientes acadêmicos, assim como fora deles, que precisam criar mais ações e projetos que incluam pessoas portadoras de necessidades especiais incluindo os portadores de TEA.

Essas ações devem começar pela identificação destes indivíduos no âmbito das comunidades onde atuam. Diferentemente das escolas cujo ambiente mais restrito favorece a identificação destes usuários, as bibliotecas públicas e universitárias nem sempre contam com guias práticos direcionadas a acessibilidade.

Portanto, faz-se necessário ferramentas para orientar serviços e atividades direcionadas aos usuários portadores de necessidades especiais, sem excluir ninguém. Sendo assim, este trabalho tem como foco identificar, a partir de uma revisão de literatura,

estratégias bem-sucedidas para atender crianças com TEA e elaborar um guia prático que auxilie profissionais que atuam em unidades de informação.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho se justifica, inicialmente, pelo envolvimento pessoal com o tema, pois convivo diariamente com meu filho diagnosticado como portador Transtorno do Espectro Autista (TEA). A partir desta experiência real e concreta, surgiu a necessidade de buscar informações que me proporcionassem maior entendimento sobre o transtorno, o que me possibilitou olhar a vida por outro ângulo, com sons, luminosidade cheiros e ruídos diferentes. Explicações que encontrei na literatura sobre o tema me proporcionaram um entendimento diferente sobre os portadores de TEA e as pessoas que com eles convivem, tais como, entre outros, suas famílias e professores.

A partir do diagnóstico, iniciei uma pesquisa por sites, blogs e artigos para saber, como lidar, quais profissionais procurar, como me comportar em algumas situações. Entrando nesse mundo do TEA, manifestou-me a sensação de querer mais, de fazer um pouco mais além do que ser mãe e compreender esse universo.

Como acadêmica do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, a partir de uma reflexão sobre a necessidade de buscar algo que pudesse nortear profissionais da área para entenderem um pouco mais sobre o transtorno do Espectro Autista e assim conseguir identificar estratégias adequadas para integrar os portadores, trilhando caminhos para sua melhor acessibilidade no ambiente das bibliotecas.

Assim, a experiência pessoal associada com as atividades desenvolvidas durante o curso de graduação, provocaram reflexões sobre questões que envolvessem informações e respostas para as minhas inquietações pessoais e profissionais.

Acredita-se que resultados deste estudo servirão de instrumento para melhorar a acessibilidade dos portadores de TEA no ambiente das bibliotecas por meio do esclarecimento das peculiaridades e necessidades específicas destes indivíduos, associado com um guia prático que foi elaborado a partir do que já foi publicado sobre as temáticas bibliotecas *versus* portadores de TEA.

A complexidade que envolve o sujeito autista, que inclui vários aspectos relativos à comunicação, exige uma atenção diferenciada em unidades e serviços de informação. Além disso, conforme já mencionado, dados da ONU (2016) mostram que o autismo é muito mais comum do que se pensa, portanto, as bibliotecas precisam saber como lidar com estes

usuários. O guia prático elaborado servirá de apoio para que as bibliotecas ofereçam serviços específicos para atender as demandas específicas dos portadores de TEA.

Portanto, a revisão de literatura permitiu identificar ações bem-sucedidas que possibilitaram a elaboração de guias práticos para indicar como os profissionais bibliotecários podem oferecer serviços qualificados para portadores de Transtorno do Espectro Autista.

## **1.2 OBJETIVOS**

A seguir estão os objetivos que norteiam este projeto.

### **1.2.1 Objetivo geral**

Elaboração de um guia para orientar práticas adequadas para inclusão de Portadores Transtorno do Espectro Autista no ambiente das bibliotecas.

### **1.2.2 Objetivos específicos**

- Realizar uma revisão de literatura para identificar práticas bem-sucedidas de serviços e atividades em unidades de informação para atender indivíduos portadores de Transtorno do Espectro Autista.
- Sistematizar as estratégias de promoção da inclusão de portadores TEA
- Criar um guia prático que poderá orientar profissionais que trabalham em bibliotecas na inserção de portadores de TEA nos seus serviços e atividades.

## **2 CONTEXTO DO ESTUDO**

Para melhor compreender o tema, abaixo são abordadas questões históricas sobre os direitos de pessoas especiais, as especificidades da aprendizagem de portadores de necessidades especiais e estudos anteriores sobre bibliotecas e usuários especiais.

### **2.1 Históricos dos direitos para pessoas especiais: contribuições da educação**

Como já mencionado na introdução deste trabalho, o resgate histórico dos direitos para as pessoas especiais no Brasil passa pela criação das escolas para deficientes visuais e auditivos, no Rio de Janeiro, no Século XIX. A educação de cegos por meio do sistema de Braille e a criação da Língua Brasileira de Sinais para os deficientes auditivos possibilitaram a inclusão de muitas pessoas no sistema educacional do país (LANNA JÚNIOR, 2010).

O mesmo autor, destaca, também que foi no início do Século XX que emergiram as primeiras escolas especiais para crianças com deficiência mental e intelectual e a criação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), "instituição que se tornou estratégica para a educação de crianças especiais no cenário brasileiro" (LANNA JÚNIOR, 2010).

Entre os anos 1950 e 1960, os sujeitos portadores de necessidades especiais adquiriram maior visibilidade perante a sociedade devido a epidemia de poliomielite que atingiu muitos brasileiros (LANNA JÚNIOR, 2010). Diniz, Barbosa e Santos (2009) também afirmam que foi nesta mesma década que começaram a se consolidar estudos sobre a educação de pessoas com deficiências, assim como se iniciaram movimentos de reivindicação dos seus direitos perante a sociedade. Nesta época surge o chamado “Modelo social da deficiência”, que destacava a necessidade de promover condições para que pessoas com deficiência pudessem interagir em todos os ambientes (MAIOR, 2016). Tal modelo incidiu diretamente no reconhecimento de que era importante buscar alternativas para que portadores de necessidades especiais tivessem autonomia, independência, bem como, direitos de auxílio, apoio e suporte social (MAIOR, 2016).

Estes movimentos foram se expandindo, influenciando a consciência das pessoas portadoras de deficiência e serviram de alerta para que a sociedade em geral reconhecesse este público vulnerável e até então com pouca visibilidade. Conforme afirma Lanna Júnior (2010), as conquistas traçadas nesta época têm reflexos positivos no ambiente educacional.

Outro marco que merece destaque neste cenário foi a determinação da ONU para que 1981 fosse proclamado como Ano Internacional da Pessoa com Deficiência. Este fato foi uma forte contribuição para que no Brasil fossem incluídos direitos específicos para as pessoas com deficiência na Constituição Federal de 1988 (FIGUEIRA, 2008).

Na década de 1990, o Brasil vivia um momento de busca pela garantia dos direitos sociais presentes na Constituição de 1988 e da luta por direitos de igualdade e educação para todos. Estas reivindicações se fortaleceram por meio de encontros e reuniões com instituições internacionais como UNICEF e UNESCO e se concretizaram através da criação do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, que inclui direitos para os portadores de deficiências (ARENDETT, 2009).

Em 1996, foi criada no Brasil a Lei 9.394/1996 (BRASÍLIA, 1996), que determina o atendimento educacional especializado, com recursos pedagógicos específicos para cada aluno com deficiência. Outro marco legal que merece destaque no país foi o Decreto 6.949/2009 que promulga a Convenção Internacional das Pessoas com Deficiência que já havia sido incluído pela ONU na Declaração Universal dos Direitos Humanos (BRASIL, 2009). O Artigo 21 deste Decreto determina que as pessoas com deficiência devem ter garantia de “liberdade de expressão e de opinião e acesso à informação” (BRASIL, 2009). Aqui não se pode deixar de mencionar que as bibliotecas têm um importante papel para o cumprimento desta determinação reconhecida no Brasil e no mundo.

Em 2010, o Ministério da Educação editou a Política de Educação Especial obedecendo a Convenção da ONU, buscando um sistema de ensino inclusivo para portadores de deficiência, com aulas em classes comuns e atendimento educacional especializado em turno oposto, (MEC, 2010)

Esse caminho foi pavimentado com demandas das organizações da sociedade civil capazes de fomentar a criação de leis, das políticas e de órgãos governamentais incumbidos da promoção e defesa dos direitos humanos desse segmento (MAIOR, 2015), apesar do caminho extenso já percorrido desde o início século XIX, ainda existe a necessidade de dar continuidade ao movimento para alcançar ainda mais pilares de desenvolvimento para a essas pessoas na educação.

Já com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), inscreve-se uma nova realidade: crianças e adolescentes com Transtornos Globais de Desenvolvimento (TGD), incluindo as autistas e psicóticas, tradicionalmente apartadas dos processos de escolarização, ganham espaço no ambiente escolar. Em consequência de uma estruturação psíquica singular, esses sujeitos podem

apresentar comportamentos estereotipados, falas descontextualizadas, escritas e leituras presas na literalidade ou com sentido errante. Estudos realizados a partir da produção discente nos últimos vinte anos indicam que tais diferenças são percebidas como impedimentos e justificam a ausência de escola ou o encaminhamento para espaços (re)educativos, com vistas à adaptação comportamental (VASQUES, 2008).

Apesar do avanço de escolarização para as pessoas com deficiência nas escolas regulares inclusivas, ainda se percebe a necessidade de avançar nas capacitações de profissionais que tem contato direto e indireto com estes alunos. O ambiente escolar e as bibliotecas precisam ser plenamente inclusivos e acolhedores para todas as pessoas, sem distinção.

## **2.2 O aprendizado dos Portadores de Necessidades Especiais (PNE)**

Conforme mencionado anteriormente políticas de ensino e educação inclusivas impulsionaram diversas conquistas para os indivíduos portadores de necessidades especiais, entretanto, é necessário compreender o processo de aprendizagem, em especial quando se trata de autismo.

Primeiro é preciso entender um pouco mais sobre o que é aprendizagem para então entender como acontece a aprendizagem das pessoas com autismo que apesar de complexa, pode ser bastante proveitosa quando acompanhada dos programas de intervenção adequados sendo adaptados para cada necessidade e capacidade intelectual de cada indivíduo (BOMFIM, 2015). Todas as crianças e adolescentes com algum transtorno aprendem cada uma a sua maneira, crianças com TEA tem o direito de estar na escola e serem alfabetizadas.

Hoje, existem maneiras convencionais e não convencionais que possibilitam o aprendizado, como atividade lúdica de entretenimento, proporcionando prazer e divertimento para os envolvidos, que de maneira descontraída podem ter êxito na aprendizagem escolar.

Para atender portadores de TEA em atividades educativas, é necessário muitas vezes adaptar conteúdos para chamar atenção e oportunizar interação e aprendizagem.

A UNESCO (2005) define a educação inclusiva como um processo orientado para responder à diversidade dos estudantes, aumentando sua participação e reduzindo a exclusão a partir da educação.

Nas escolas inclusivas e abertas às diversidades, o aluno tem a liberdade para aprender, de acordo com as suas condições, do jeito e no tempo que lhe são próprios, pois a singularidade de cada indivíduo é respeitada (BIAZUS; RIEDER, 2019).

O ensino expositivo foi banido de sua sala de aula, na qual todos interagem e constroem ativamente valores, conceitos e atitudes essas escolas abertas a inclusão de total importância, a diversidade de cada ser humano (MANTOAN, 2002).

Sendo assim, entende-se que o processo de aprendizagem será sempre colaborativo. Aquilo que a criança é capaz de fazer de forma independente, ou seja, sem a ajuda de outros, Vygotsky chama de “Zona de Desenvolvimento Real e aquilo que a criança não é capaz de fazer sozinha, mas é capaz de fazer com um parceiro mais experiente ele chamou de “Zona de Desenvolvimento Próximo” (MELLO, CARRARA, 2004).

Atualmente, a prática da avaliação da aprendizagem, com a concepção de mensuração, de aferição de resultados de desempenho do aluno, encontra-se na contramão de um movimento que tem buscado considerar que a educação escolar pode ser (re)criada por meio de uma perspectiva de inclusão escolar, e é nesse contexto que essa prática vem se tornando cada vez mais desafiadora e complexa. (CHRISTOFARI, BAPTISTA, 2012)

“No âmbito dos processos de inclusão escolar, essa prática torna-se polêmica, pois movimentada uma concepção histórica que se construiu de escola, aprendizagem e prática pedagógica” (CHRISTOFARI, BAPTISTA, 2012, p.387). É preciso diversificar os métodos de aprendizagem para contemplar todas as diferenças, incluindo as pessoas com autismo, construindo um tipo de ensino que proporcionará liberdade de aprendizado, conforme as condições de cada indivíduo, da sua maneira e no seu tempo (CHRISTOFARI, BAPTISTA, 2012).

Desconstruir o processo de avaliação diário muitas vezes se faz necessário em determinados fatores, para lá na frente observar o avanço da criança com atividades mais prazerosas. É o que atenta Christofari e Baptista, (2012, p. 11):

A proposta, portanto, não é pensar em uma avaliação que seja específica para alunos com deficiência, mas problematizar de que maneira, por meio de quais práticas podemos possibilitar um entendimento outro, construir estratégias de ação pedagógica pautadas na perspectiva da inclusão escolar.

Para se entender como se processa uma informação na mente de uma pessoa com autismo é necessário conhecer as diferenças do seu estilo cognitivo. A complexidade desta síndrome carrega muitas peculiaridades que vão desde limitações organizacionais e de comunicação à habilidade extraordinária, “no autismo o modo como a informação é interpretada é caracteriza a falta de coerência central” (NILSSON, 2003).



A aprendizagem e o desenvolvimento no autismo vêm se mostrando muito mais concreto quando se tem um conjunto de tudo o que foi visto, ou seja, os objetivos têm que estar claros o ensino estruturado e com as Tecnologia da informação e comunicação (TICs) em condições de atenderem às necessidades destas e de todas as outras pessoas. O atendimento precisa ser individualizado para melhores resultados na aprendizagem e desenvolvimento, por fim os programas devem estar sincronizados (BONFIM, 2015), é importante analisar que cada criança tem seu tempo de aprendizagem, seja uma criança típica ou atípica, devendo sempre respeitar o tempo de ambos.

Assim, de acordo com Bonfim (2015), a criança só poderá fazer sozinha e em um futuro próximo o que faz hoje com auxílio de uma pessoa mais experiente. Sendo assim, entende-se que o processo de aprendizagem será sempre colaborativo. Dessa forma, é necessário o apoio da família, professores e um monitor para que esta criança com TEA se espelhe e em um futuro próximo consiga desenvolver atividades sozinha.

Portanto, o seguinte trecho dos estudos de Lopes (1997), confirma a relação da adaptação das formas em que os conteúdos são apresentados.

Um aspecto importante no aprendizado de crianças com autismo e o uso de novas tecnologias e que podem permitir que elas aprendessem por associação. Outro aspecto interessante é enumerar e orientar as atividades mais complexas, fornecendo um exemplo concreto muitas vezes. Estas estratégias auxiliam nas transições dos alunos de uma tarefa para outra. Uma criança com autismo aprende muito mais vendo que ouvindo, isso significa que a visão está conectada ao mundo exterior (LOPES, 1997).

A diversificação de materiais tecnológicos usados com crianças com autismo proporciona mais entendimento e proporciona a elas maior vontade de estar participando da atividade, gerando mais interesse.

### **2.3 Estudos anteriores sobre bibliotecas e usuários especiais**

Antes de iniciar o processo de revisão da literatura que será posteriormente realizado de maneira mais abrangente e sistematizado, foram feitos alguns testes usando diferentes fontes e estratégias de busca para testar a melhor maneira de identificar trabalhos relevantes. Durante estes procedimentos já foi possível identificar alguns estudos interessantes, apresentados a seguir, e que auxiliaram no melhor entendimento do tema proposto.

No contexto das bibliotecas escolares, Santos e Diniz (2018) afirmam que elas precisam atender usuários portadores de TEA, contemplando assim seus direitos como

cidadãos de desenvolver plenamente seus processos de aprendizagem. Para isso, a biblioteca escolar precisa ir além, buscando soluções para uma realidade, por mais complexa que possa ser, focando na questão da importância de incluir todos os alunos nos seu espaço e serviços (SANTOS, Diniz, 2018).

Na educação inclusiva, o aluno com deficiência deve fazer uso da biblioteca para ter acesso aos livros e outros tipos de materiais de apoio pedagógico (MARCOLINO, FILHO, 2014). No mesmo sentido, Mendes (2015), a partir de um estudo de caso com aluno autista, observou ser possível elaborar estratégias de intervenção que favoreçam a sua interação e socialização com colegas e profissionais, elaborando atividades lúdicas específicas.

O uso de jogos pode estimular habilidades como socialização e a capacidade de resolver conflitos. O aluno autista preferiu os jogos de computador. Além disso, o autor conclui que os professores se sentem despreparados para lidar com alunos portadores de TEA e afirmaram que uma das principais dificuldades é atender um grande número de crianças ao mesmo tempo (MENDES, 2015).

A gestão da informação, embora condicione diretamente em seus objetivos e conceitos o direcionamento às instâncias intelectuais de pessoas e organizações, também pode ser compreendida como uma maneira de contribuir com a inclusão. Nessa perspectiva de Neves (2012, p. 6): afirma que gestão da informação, se utilizada para compartilhar, divulgar e disseminar informações pode proporcionar a inclusão de pessoas com necessidades especiais.

No âmbito das bibliotecas universitárias, também há o desafio de assumir novos serviços para o atendimento de alunos com deficiência. Cabe à biblioteca universitária prover, além da acessibilidade e adaptação do espaço físico, a promoção da informação aos indivíduos da comunidade universitária em geral, não só para os portadores de TEA, para evitar atitudes de discriminação. Este tipo de estratégia está em sintonia com os propósitos das bibliotecas, de formar cidadãos intelectualmente capazes, autônomos e uma sociedade com menos desigualdades (STROPARO, MOREIRA, 2016).

Já é amplamente reconhecido que as bibliotecas deixaram de ser um local de preservação para se tornarem um local de universalização, da democratização da informação, do conhecimento de livre acesso aos documentos para todos (MIRANDA, 2017).

Diniz (2016) destaca as necessidades e limitações de educadores para lidar com portadores de TEA. Qualificar estes profissionais pode auxiliar no melhor desenvolvimento da aprendizagem de alunos portadores de TEA, proporcionando condições para superarem dificuldades e desenvolvendo novas habilidades (DINIZ, 2016).

É preciso olhar cada estudante dentro do espaço escolar de forma a individualizar seus interesses e predileções para que as atividades se desenvolvam de maneira vinculada com a vida cotidiana e real, conforme suas expectativas e capacidade de aprendizagem (DINIZ, 2016). Para isto, é de extrema relevância que os profissionais que atuam com esses estudantes conheçam e compreendam as características das suas limitações para saber como enfrentar os desafios que demandam o atendimento de portadores de deficiências (SANTOS, DINIZ, 2018).

“A repetitiva dúvida frente à possibilidade de escolarização é originária de uma complexa rede de elementos” (VASQUES, 2008, p.19). Alguns fatores que contribuem para tal situação são falta de informações sobre estes indivíduos; reduzida quantidade de trabalhos sobre o tema; dificuldade de articulação e interlocução entre as diferentes áreas que se dedicam a temática; a ausência de sistematização do conhecimento; tendência de conceber a diferença como algo deficiente que deve ser corrigido (VASQUES, 2008).

Para atender usuários especiais, propiciando acesso amplo a todo tipo de informações e autonomia, o profissional bibliotecário deve estar preparado e ter o domínio de estratégias adequadas para fazer frente a eventuais situações inusitadas (SANTOS, DINIZ, FERNANDES, 2017).

A partir do momento que alunos com deficiência estão frequentando as universidades brasileiras, é preciso a reorganização das BUs para os receber, atender e dar acesso às informações; bem como a criação de novos serviços que lhes sejam acessíveis e interessantes. Isso reforça ao profissional bibliotecário a importância e necessidade de dar atenção à sua educação continuada, de forma que a adquirir competências e habilidades para atendê-los, uma vez que as escolas de biblioteconomia formam profissionais generalistas (COSTA, DUARTE, 2017).

Olhar para a criança com autismo como um sujeito em condições de produzir sentidos, de se posicionar de forma ativa e responsiva nos processos interativos e buscar compreender suas formas peculiares de participar de uma situação de interlocução, é fundamental para que se possam desenvolver práticas pedagógicas que permitam avanços significativos em seu desenvolvimento (OLIVEIRA, VICTOR, 2018).

A interação com outras crianças da mesma faixa etária proporciona contextos sociais que permitem vivenciar experiências que dão origem à troca de ideias, de papéis e o compartilhamento de atividades que exigem negociação interpessoal a discussão para a resolução de conflitos (CAMARGO, BOSA, 2009).

O esforço e empenho do profissional da informação, as bibliotecas escolares podem estabelecer parceria com outras instituições e criar atividades para dar os primeiros passos para a construção de um ambiente inclusivo sem depender exclusivamente das iniciativas de suas mantenedoras (MARCOLINO, FILHO, 2014).

No contexto escolar, a legislação brasileira determina que todas as crianças devem ter acesso à escola comum, incluindo sujeitos com transtornos do espectro do autismo (TEA). Embora um corpo substancial de pesquisas descreva os benefícios derivados da inclusão dessas pessoas, o tema ainda permanece controverso, principalmente quanto à possibilidade das escolas oferecerem respostas adequadas às necessidades de crianças com TEA (NUNES, AZEVEDO, SCHMIDT, 2013).

Trata-se, portanto, de compreender os indivíduos com autismo como seres capazes de se expressar, mesmo que não verbalizem ou falem muito pouco (OLIVEIRA, 2018).

São necessários estudos para planejar as ações para atender com respeito e dignidade esses usuários. Estudos deste tipo são importantes para capacitar equipes no que se refere à acessibilidade, garantindo que usuários façam pesquisas e usem os espaços das bibliotecas de forma autônoma (MIRANDA, 2017).

Neste sentido, se pode citar o trabalho realizado pela Biblioteca Pública de Chicago que organizou um programa para melhoria das experiências vivenciadas por crianças autistas e seus familiares. Uma das estratégias foi criar *kits* de leituras específicas com histórias apropriadas e direcionadas para as necessidades de cada indivíduo. Foram confeccionados livros com letras grandes, muitas vezes adaptações de originais, que promoveram para as crianças autistas um melhor entendimento do mundo ao seu redor (WINSON, COURTNEY, 2010).

## **2.4 Alguns fatos sobre o Transtorno do Espectro Autista**

Segundo a ONU (2017), em 1998, um estudo levantou preocupações sobre uma possível relação entre autismo e a vacina tríplice viral - contra o sarampo, a caxumba e a rubéola. Este artigo foi posteriormente considerado falho, porém, infelizmente, sua publicação desencadeou uma onda de desinformação que levou à queda da cobertura de vacinação e, conseqüentemente, no aumento do surto dessas doenças. Não há evidências de uma ligação entre a vacina tríplice viral e o autismo ou transtornos autistas. Entretanto, mesmo com o passar do tempo, este mito ainda provoca insegurança entre os pais com crianças com TEA. A partir deste episódio, diversas campanhas têm sido realizadas para

esclarecer a população em relação a importância de vacinar corretamente as crianças e proporcionar maior conhecimento sobre o TEA.

Neste sentido, a ONU proclamou o 2 de abril como Dia Mundial de Sensibilização para o Autismo, com o intuito de promover uma maior compreensão do autismo. A figura abaixo mostra o trabalho de Mauricio de Sousa que, a pedido da Revista Autismo, produziu uma tirinha especial para o dia 2 de abril — com o André, personagem autista da Turma da Mônica.

**Figura 1.** Gibi turma da Mônica edição especial – 2 de abril dia mundial do autismo



Fonte: Revista Autismo

Neste dia de conscientização vários lugares aderem à cor azul que simboliza o autismo, pelo fato de meninos serem mais atingidos pelo autismo que meninas. Abaixo estão alguns dos símbolos que representam o autismo.

**Figura 2.** Logotipos usados para identificar espaços e serviços acessíveis para autistas.



Fonte: Instituto Pensi (2018).

Com estes exemplos conclui-se as abordagens que, conforme mencionado no início desta seção, tinha o propósito de proporcionar melhor compreensão do tema, incluindo a abordagem históricas dos direitos de pessoas especiais, o contexto das especificidades de ensino e aprendizagem de portadores de necessidades especiais e uma breve amostra de estudos sobre a temática.

A seguir são apresentados os procedimentos metodológicos para alcançar os objetivos propostos.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho se caracteriza como uma revisão bibliográfica, de cunho qualitativo e caráter exploratório. Sabe-se que as pesquisas qualitativas “não pretendem testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão” (MORAIS, 2003). Foram seguidas as seis etapas desse método conforme Mendes (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008): o estabelecimento da questão de pesquisa, a busca na literatura, a categorização dos estudos, a avaliação dos estudos incluídos na revisão, a interpretação dos resultados e a apresentação da revisão.

Para atender ao objetivo do estudo, foi realizadas buscas em diferentes bases de dados bibliográficas usando os termos relacionados ao “Transtorno de Espectro Autista” associados com “bibliotecas”, isto é, empregando o operador booleano AND. As fontes utilizadas foram:

ERIC – *Educational Resources Information Center* – base de dados bibliográfica gerenciada pelo Departamento de Educação dos Estados Unidos, disponibilizando acesso à literatura na área da educação.

WoS – gerenciada pela *Clarivate Analytics*, disponibiliza o conteúdo de importantes periódicos acadêmicos de diversos países, assim como livros e anais de eventos nas áreas das ciências sociais, exatas, saúde, humanas e artes.

PsycNET – base de dados organizada pela *American Psychologist Association*, engloba artigos publicados em periódicos e livros da área da psicologia de vários países.

LISA – *Library and Information Science Abstracts* – fonte da área da ciência da informação que disponibiliza o conteúdo de mais de 300 periódicos publicados em mais de 40 países.

SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*) – biblioteca eletrônica que disponibiliza o acesso completo ao conteúdo de periódicos de todos os países da América Latina e Caribe em diversas áreas do conhecimento.

O conteúdo das bases de dados ERIC, WoS e PsycNET só podem ser acessadas por meio do Portal de Periódicos CAPES. As demais permitem uso irrestrito por meio de qualquer navegador para internet.

Não foi necessário utilizar limites de busca tais como idioma ou data, pois em consultas prévias, para testar a adequação dos termos, usando “*autism*” AND “*library*”, foram identificados 1.383 trabalhos, quantidade que não se considerou demasiada. Além disso, a partir da análise de título e resumo das 1.383 referências recuperadas, foi possível identificar diversos trabalhos relevantes para esta pesquisa.

Em relação a data das publicações, considerou-se interessante não utilizar limite, pois no contexto deste estudo, pode haver trabalhos realizados a bastante tempo e que indiquem atividades interessantes para serem realizadas com portadores de TEA, no contexto de unidades de informação.

No que diz respeito ao idioma, durante os testes preliminares se verificou que eram poucos trabalhos em português e, se não fossem incluídas publicações em inglês o trabalho se inviabilizaria.

Neste sentido vale acrescentar que o propósito deste trabalho é identificar experiências e não se trata de uma análise mais profunda no sentido teórico, fato que auxilia na justificativa em usar o tradutor automático.

Após o processo de busca, todas as referências recuperadas foram transferidas para o software EndNote, que possibilitou, entre outras facilidades, na identificação de duplicatas e o agrupamento dos trabalhos por características em comum.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca em todas as bases foi realizada no dia 11 de julho de 2019. Utilizou-se os termos: “autism” AND (library OR librarian). Na WoS além da busca por termos, ainda se utilizou a ferramenta de identificação das citações e o filtro da categoria WoS de área do conhecimento, que permitiu acrescentar mais três referências.

**Tabela 1.** Quantidade de referências identificadas e selecionadas em cada fonte (n=1.540).

FONTE	Nº REFERÊNCIAS ENCONTRADAS	Nº REFERÊNCIAS SELECIONADAS	PROPORÇÃO DE RELEVANTES (%)
ERIC	57	08	14
LILACS	13	00	00
LISA	760	11	01
PSYCNET	671	03	00
SCIELO	9	00	00
WoS	171	09	05
TOTAL INICIAL	1.681	---	---
Duplicatas	141	---	---
TOTAL FINAL	1.540	31	02

No processo de seleção foram retirados os livros, pois estes tratam o tema de maneira mais aprofundada e seria impossível cumprir o prazo de término desta monografia se tivesse que ler os 10 livros identificados. Também não foram incluídos arquivos de áudio e/ou vídeo.

Proporcionalmente, a base de dados ERIC foi a fonte bibliográfica mais sensível ao tema autismo e bibliotecas, pois dos 57 artigos recuperados 8 foram selecionados (14%).

Abaixo, na Tabela 2, estão os 31 trabalhos selecionados e as conclusões que serviram de subsídio para elaboração do Guia Prático, organizada em ordem cronológica.



**Tabela 2.** Sistematização dos resultados dos artigos selecionados.

Ano	Autor 1	Fonte	Conclusões e comentários
1985	Blew	WoS	Para crianças do Espectro Autista é necessário o ensinamento persistente para que seja um mecanismo de funcionamento cotidiano. As ações repetitivas podem ser realizadas por tutores não deficientes que irão realizar um treinamento nas tarefas do dia a dia.
1991	Herron	ERIC	É recomendado dar suporte e assistência técnica para educadores e profissionais que trabalham com portadores de TEA. O trabalho fala sobre um projeto que fez intervenções para que educadores tivessem maior entendimento do que é TEA, proporcionando melhor convívio e comunicação. Os profissionais que integraram o projeto ficaram mais seguros e com sentimento de maior competência em servir os alunos com autismo.
1991	Simpson	ERIC	Diante de estratégias para o ensino de habilidade sociais em crianças com autismo, é necessário criar abordagens para o desenvolvimento social e educacional. É necessário realizar treinamentos com educadores para atender as necessidades de cada um.
1997	Simpson	ERIC	É importante realizar treinamentos para facilitar interações sociais entre crianças com autismo no ambiente de salas de aula assim como outros profissionais que trabalham em escolas, incluindo bibliotecários.
2001	Kellujo	LISA	É importante orientar familiares que recém obtiveram o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista para entender e ajudar esse portador de TEA.
2003	Seeman	LISA	A comunicação de pessoas com transtorno do espectro autista muitas vezes é afetada então o uso de aplicativos de comunicação aumentativa com recursos visuais (PECs <sup>1</sup> ) ajudam os portadores de necessidades especiais na comunicação com outras pessoas.
2004	Akin	LISA	A biblioteca é um lugar onde se busca o aperfeiçoamento do conhecimento, nada mais justo que profissionais desta área também aperfeiçoem suas abordagens de atendimento para pessoas especiais, usando técnicas como leituras dirigidas, recursos multimídia e musicoterapia.
2005	Williams	LISA	Aplicativos de comunicação aumentativa (PECs) são ferramentas importantes para auxiliar na interação com autistas. No ambiente escolar, também elaborar planos de trabalho específicos, de acordo com os níveis cognitivos das crianças, é uma boa estratégia para trabalhar com portadores de necessidades especiais.
2007	Barbeiro	WoS	O uso de tutores, materiais adaptados e exercícios com imagens são ferramentas importantes para chamar a atenção e melhorar o nível de comunicação com autistas.
2007	Ganz	WoS	A criação comunicação através de figuras (PECs), assim como o uso de softwares e aplicativos específicos com o mesmo fim são alternativas importantes para melhorar a comunicação com autistas.

1 PEC (Picture Communication Symbols) – Sistema Simbólico de Comunicação. Para sara saber mais: <http://www.assistiva.com.br/ca.html#pcs>

Ano	Autor 1	Fonte	Conclusões e comentários
2009	Coates	LISA	Uma breve compilação de sites com informações de qualidade sobre TEA. Todos os sites são em inglês. Seria uma boa alternativa criar uma ferramenta parecida em idioma português.
2010	Winson	LISA	A importância do treinamento de profissionais para que possam conhecer as pessoas com autismo e fazer com que se sintam bem a partir do momento da abordagem.
2011	Jarrold	PsychNET	É essencial o desenvolvimento de abordagens diferenciadas para portador de TEA, ao melhorar o tipo de interpelação cria-se o avanço e diminuiu as possibilidades de dificuldades, é necessário estar continuamente aperfeiçoando métodos.
2011	Krueger	LISA	Os bibliotecários escolares devem garantir que alunos com necessidades especiais estejam incluídos nos seus espaços de maneira acessível e diferenciada, conforme as necessidades de cada um.
2012	Baker	WoS	Jogos, momentos lúdicos que proporcionem experiências diferentes e mistas podem auxiliar no aprendizado, criando confiança e aumentando o desejo de aprender.
2012	Mcallister	ERIC	Os portadores de TEA são sensíveis em vários aspectos, um deles é a percepção do ambiente em que ele está. O planejamento de um ambiente agradável é importante. Um local mal projetado pode ser desastroso para a aprendizagem de crianças com TEA.
2013	Arthanat	PsychNET	O uso de aplicativos de comunicação melhoram a aprendizagem de portadores de TEA, diminuindo as barreiras, apoiando-se na educação individualizada.
2013	Subramaniam	ERIC	O treinamento especializado para bibliotecários sobre serviços prestados para alunos com necessidades especiais é uma necessidade imediata, diante de tantas deficiências é preciso capacitar esses profissionais para a acessibilidade.
2013	Klipper	LISA	Existem aplicativos específicos para pessoas com TEA. São mencionadas características para serem analisadas na avaliação destes aplicativos: Possui imagens e texto? * As imagens são imagens ou fotografias realistas? * Inclui modelagem de vídeo (demonstrando a lição com um vídeo)? * Fornece reforço (recompensas) e aprendizado sem erros? * Você pode definir o nível de dificuldade, o número de imagens na tela ou o espaço entre as imagens? * Se houver um temporizador, ele pode ser desligado? * Você pode desativar a fala ou outros sons?
2014	Longtin	ERIC	O número de estudantes de alto funcionamento que estão na universidade vem crescendo a cada dia. A biblioteca pode ser um oásis para os estudantes portadores de TEA, pois costuma ser um local mais silencioso. Formar equipes multidisciplinares, incluindo entre outros, pedagogos, fonoaudiólogos, psicólogos, médicos, assistentes sociais, é uma boa estratégia para o planejamento de ações. Além disso, estas equipes precisam buscar informações de qualidade sobre o tema
2014	Andrews	LISA	A conscientização sobre o que é autismo é muito importante para a sociedade, onde só observam deficientes quando apresentam alguma característica percebida visualmente. Para identificar o autismo é necessário desenvolver um olhar mais aprofundado e escolas e bibliotecas necessitam buscar informações para proporcionar suporte de qualidade.

Ano	Autor 1	Fonte	Conclusões e comentários
2014	Laffey	LISA	Pessoas com necessidades especiais e ensino a distância por meio do aprendizado em 3D podem auxiliar pessoas que moram em zonas rurais ou em locais afastados e de difícil acesso.
2014	Klipper	LISA	Quando os bibliotecários pensam em acessibilidade, o que geralmente vem à mente é uma pessoa usando uma cadeira de rodas que precisa de uma rampa para alcançar a porta da biblioteca, mas essa é uma visão limitada. É importante projetar espaços com tecnologia, tais como impressão 3D (“makespaces”), como estratégia favorável em relação a acessibilidade
2015	Markey	ERIC	A biblioteca é um local fundamental para o aprendizado, é onde a disseminação da informação é o mais importante. Para a disseminação da informação a biblioteca tem que estar preparada para todo tipo de usuário, especificamente o portador de autismo. Na biblioteca escolar é necessário adaptar materiais que chamem a atenção deste tipo de usuário, incluindo histórias por gravuras e vídeos.
2016	Anderson	ERIC	Foram analisados posts de uma comunidade ( <i>Wrong Planet</i> ) que reúne mais de 80 mil portadores de TEA, para observar as barreiras de estudantes universitários portadores de TEA no uso de bibliotecas. Os usuários relatam que ficam satisfeitos quando entendem como se organiza o acervo e ficam confusos quando vão em alguma biblioteca que usa algum sistema diferente (no caso se referiram ao uso dos sistemas diferentes, como Classificação Decimal de Dewey e da Library of Congress). O ruído em algumas bibliotecas também foi uma das barreiras relatadas.
2017	Anderson	WoS	A partir do constante crescimento de pessoas com TEA, é necessária a adaptação de atípicos e típicos nos mesmos espaços. É importante a realização de estudos que possibilitem a compreensão de autistas, principalmente no meio universitário, onde estão vulneráveis a diferentes experiências. Acredita-se que as bibliotecas podem atender esses usuários, adaptando serviços e o ambiente para atender estes usuários.
2017	Grossard	WoS	A análise de 31 jogos específicos para portadores TEA. Os melhores foram: <i>JESTIMULE</i> , <i>MINDREADING</i> , <i>THE TRANSPORTERS</i> , <i>RACKETEER</i> , <i>INVASION OF THE WRONG PLANET</i> .
2017	Franchini	WoS	Para crianças com TEA apresentam um padrão de exploração visual muito atento, portanto, o uso PECSs é uma boa estratégia para melhorar a comunicação.
2017	Thomas	LISA	É necessário realizar eventos que proporcionem a conscientização pública da luta enfrentada por pessoas com transtorno do espectro autista. As bibliotecas podem ser um espaço de informação para alcançar este objetivo.
2018	Kimura	LISA	Cada vez mais a diversidade se expande, para isto é necessário estar preparado para poder fornecer recursos educacionais para diferentes tipos de transtorno. A utilização de recursos instrucionais como, jogos, software, guia para professores, livros com gravuras, proporcionam uma aprendizagem mais prazerosa para pessoas especiais. As bibliotecas precisam ter estes recursos.

<b>Ano</b>	<b>Autor 1</b>	<b>Fonte</b>	<b>Conclusões e comentários</b>
<b>2019</b>	Ghanouni	WoS	O uso de histórias em realidade virtual em bibliotecas para crianças no espectro autista. Relata o primeiro projeto desenvolvido para proporcionar experiências e momentos do dia-a-dia em contextos sociais a partir da utilização de recursos de realidade virtual.

Fonte: do autor.

Como já mencionado, durante o processo de seleção e leitura da bibliografia recuperada, identificaram-se outras fontes e informações consideradas pertinentes para este projeto. A Tabela 3 descreve este material que será anexado como indicações de fontes de informações no Guia Prático.

Ao observar a tabela que foi organizada cronologicamente, foram recorrentes as indicações de treinamentos para profissionais que lidam com conhecimento e educação, incluindo bibliotecários. Nas décadas de 1990, 2000 e 2010 têm trabalhos que apontam esta necessidade.

**Tabela 3.** Informações sobre TEA encontradas em fontes da internet, revistas não acadêmicas, websites, blogs, filmes e séries.

<b>Título (ano)</b>	<b>Tipo</b>	<b>Comentários</b>
Lagarta Vira Pupa (2012)	Blog	Blog feito por uma mãe com o intuito de ajudar pessoas com filhos também no espectro autista, dividindo angústias e alegrias. Andréa, autora do blog, é defensora da inclusão não apenas do autismo na sociedade, mas sim de todas as diversidades.
Menino Cavalo (2009)	Documentário	Documentário que aborda a melhora de um menino autista a partir do contato com cavalos - equoterapia.
Em um mundo interior (2017)	Documentário	Acompanha o dia-a-dia de crianças brasileiras de diferentes regiões e classes sociais diagnosticadas com TEA.
Tudo que quero (2017)	Filme	Trata sobre uma adolescente com TEA e sua visão do mundo como um lugar confuso. É uma adolescente muito inteligente que descobre uma competição e decide finalizar o roteiro que está escrevendo e participar da disputa, com seu cachorro e alguns dólares vai em busca de seus sonhos.
Prisioneiro do Silêncio (1994)	Filme	A relação de uma mãe dedicada ao seu filho David diagnosticado com autismo tenta lidar com seu filho na fase da adolescência.
Temple Grandin (2010)	Filme	Jovem autista em constante luta para ter uma vida normal, chega na universidade e usa suas habilidades com os animais para criar técnica que revolucionou a indústria da agropecuária com seus métodos desenvolvidos.
Loucos por amor (2005)	Filme	Um romance de um casal com autismo, a partir de todas as emoções diferentes do casal podem ameaçar o início de namoro.
Farol das Orcas (2016)	Filme	Tritán é uma criança com TEA com dificuldade de criar conexão com o mundo externo. A partir do contato com orcas começa a demonstrar reações positivas, Sua mãe com esperanças de melhoras busca estratégias para possibilitar contato do menino com as orcas.
Missão especial (2004)	Filme	A partir de uma história concreta, o filme relata a história de uma mãe solteira de meninos gêmeos, os dois com diagnóstico de autismo passam por momentos de conturbados, mas que através de terapias são capazes de grandes avanços.
Adam (2009)	Filme	Um engenheiro eletrônico que está dentro do espectro se isola a partir do diagnóstico. Após conhecer uma jovem ele muda de atitudes e tenta ser mais sociável assim decidindo dar uma chance para um romance, mas os pais de Beth tem dificuldades em aceitar o romance.
The Story of Luke (2012)	Filme	Conta a história de Lucas, um jovem com autismo que está em busca de um emprego e uma namorada.
Revista Autismo (2010)	Revista	Primeira revista periódica a respeito de autismo na América Latina, além de ser a primeira no mundo. Tem como missão a disseminação da informação de qualidade a respeito de autismo.
Atypical (2017)	Série	Relaciona o autismo de um garoto de 18 anos que está saindo da escola para a universidade, entre os episódios a vários conflitos que Sam tenta superar com sua família e amigos.

<b>Título (ano)</b>	<b>Tipo</b>	<b>Comentários</b>
The Good Doctor	Série	Um médico recém-formado diagnosticado com TEA faz parte de uma equipe de um hospital bem conceituado, Shaun é um ótimo médico que além de autismo possui a síndrome <i>de savant</i> .
NeuroSaber (2015)	Website	O site NeuroSaber foi desenvolvido por especialistas garantindo conteúdo do neurodesenvolvimento da infância e adolescência de crianças com TEA, conteúdos destinados para pais, professores e profissionais da saúde e educação.
Autismo e Realidade (2010)	Website	Procura universalizar o acesso às respostas que já são possíveis sobre autismo. Disponibiliza cartilhas sobre autismo, leis e direitos.
Autism Speaks (2005)	Website	O Autism Speaks proporcionou informações que estimularam avanços na comunidade autista, como, o aumento da conscientização global. Atualmente dedica-se ao avanço de pesquisa de causas e melhores tratamentos sobre TEA
Instituto Pense (2010)	Website	Centro de referência de conhecimento em saúde infantil, disseminador da informação, usando como instrumento de transformação da sociedade.
Libreries and Autism (2008)	Website	Em 2008 a criação de Bibliotecas e Autismo: Estamos Conectados em conjunto de parcerias. Projeto premiado, que oferece oficinas de treinamento em locais, juntamente com recursos da web, treinamento de atendimento ao cliente principalmente a equipe de bibliotecas, para ajudá-los compreender os portadores de TEA e suas famílias. A partir de um vídeo mostra o que é preciso saber sobre autismo e capacita os técnicos a oferecer um serviço inclusivo.
Stimulus Aba	Website	Análise do comportamento aplicado é uma ciência que busca a compreensão e aprimoramento do comportamento humano.

Fonte: do autor.

As informações sobre TEA encontradas em fontes da internet, revistas não acadêmicas, websites, blogs, filmes e séries são de extrema importância, visto que é onde a captação da informação é mais comum. Foi possível listar diferentes fontes da internet que disseminam informações corretas sobre TEA.

## **5 BIBLIOTECAS E PORTADORES DE TEA: GUIA PRÁTICO PARA ACESSIBILIDADE**

O conteúdo abaixo foi construído a partir dos trabalhos selecionados e pelo conhecimento pessoal acumulado ao longo do tempo, por conviver com um portador de Transtorno Espectro Autista.

Este guia prático para acessibilidade tem o intuito de poder nortear Bibliotecários e profissionais da área sobre o que é TEA, como podem abordar este portador, como se comportar, o que pode ser feito para ajuda-los a ter mais autonomia na busca pela informação.

### **Transtorno Espectro Autista**

Caracteriza-se a partir de um conjunto de aspectos que comprometem o neurodesenvolvimento do portador de TEA, que são referentes a dificuldades na fala, podendo ser verbais ou não verbais, a obstáculos em relação à interação social, à percepção, à atenção e à memória. Nesse sentido, é relevante observar a singularidade de cada portador, tendo em vista que o autismo apresenta uma diversidade de níveis, sendo de acordo com a intensidade de suas particularidades. Ademais, de acordo com dados publicados pela ONU (2016), há um constante crescimento da incidência de casos de autismo; por conseguinte, é inegável a necessidade de tornar mais acessíveis não só os ambientes de socialização, mas também os de aprendizado.

### **Causa do autismo**

O Transtorno Espectro Autista foi reconhecido pela primeira vez em 1943, desse modo, é de conhecimento científico que o transtorno se origina a partir de algumas anormalidades do cérebro e, possivelmente, está relacionado à genética do indivíduo (KLIN, 2006). Todavia o TEA segue com uma carência de pesquisas e resultados acerca de sua origem e do tratamento, uma vez que mesmo com acompanhamento gestacional adequado não há garantias nem exames laboratoriais que possam adiantar se o feto pode ter traços autísticos, (COATES, 2009).

### **Características do autismo**

O autismo acompanha o indivíduo desde o nascimento e, no decorrer do seu crescimento, ocorre à identificação através dos traços que exprimem comportamentos

diferentes, visto que é ocasionada uma inversão dos níveis de dificuldade para a realização de determinadas atividades em comparação a crianças típicas. A ausência de disseminação de informações sobre o transtorno, por meio da mídia ou de palestras, colabora para a ocorrência do diagnóstico tardio. O autismo provoca uma série de particularidades comportamentais, de modo que entre os portadores existe uma imensa diversidade de características, podendo ser até mesmo opostas. Existem traços pontuais que auxiliam na identificação do TEA na primeira infância, por exemplo: sonolência em demasia ou ausência de sono, choro intenso sem estar relacionado à dor ou a outro tipo de anomalia, agressividade ou calma, olhar perdido, atraso no desenvolvimento da linguagem, fixação pela organização de objetos, entre outros. (MELLO, 2017).

Em virtude do crescimento, o convívio social e as atividades educacionais exigem mais da criança, de maneira que os sintomas do autismo se tornam mais visíveis. Assim, ocorre não somente a intensificação de ações atípicas anteriores, mas também o surgimento de novas práticas. Algumas manifestações recorrentes são: irritação e descontrole sem necessidade; modificação da finalidade de brinquedos; atraso no desenvolvimento da linguagem; obstáculos na interação social; estereotípias, ou seja, movimentos repetitivos; criação de hábitos rotineiros; andar na ponta dos pés; alteração da ordem natural de aprendizado; agitação constante e dificuldade de atenção.

### **Identificação do autismo**

A pluralidade de maneiras de manifestação do autismo promove uma indispensabilidade do treinamento dos profissionais da área da educação para facilitar a identificação, com o intuito de proporcionar um ambiente acessível e estimular experiências agradáveis e receptivas no convívio social (LONGTIN, 2014). Nesse contexto, há observações que podem ser essenciais para essa identificação, como:

- Dificuldade em manter contato visual
- Ausência de respostas
- Recorrência de palavras fora de contexto
- Dificuldade em expressar o que procura
- Sensibilidade a barulhos
- Repetição de movimentos

### **Tratamento**

O autismo não possui um tratamento eficaz de cura, mas sim intervenções que podem ajudá-los ao longo do tempo para que possa ter autonomia em sua vida. O tratamento de uma



pessoa com TEA envolve uma série de profissionais especializados em autismo, colaborando com o indivíduo, a família e a escola (LONGTIN, 2014). Todos em uma mesma sincronia para melhor ajudá-lo a ter autonomia a partir de intervenções.

Os tratamentos com profissionais de fonoaudiologia, equoterapia, musicoterapia, terapia ocupacional, terapia comportamental, psicólogos, pediatra, psiquiatra e outros profissionais que analisam qual tratamento é mais adequado para cada indivíduo com TEA (LONGTIN, 2014).

### **Instruções para bibliotecários, estagiários, monitores e profissionais da área**

Inicialmente é necessário o aperfeiçoamento sobre o autismo, informe-se através de leituras de artigos e sites disponíveis sobre o assunto, busque por instituições e profissionais da sua cidade que possam te orientar, (SUBRAMANAIM, 2013).

### **Ao interagir com uma pessoa com Transtorno Espectro Autista**

- Evite olhar fixamente nos seus olhos.
- Saiba que portadores de TEA têm dificuldade de expressar o que estão procurando.
- Podem não responder quando chamados pelo nome.
- Têm dificuldades de concentração e de terminar tarefas.
- Costumam repetir os mesmos movimentos.

### **O que pode ser feito em primeiro momento**

- Agir com naturalidade.
- Falar calmamente.
- Apresentar o espaço da biblioteca.
- Estar disponível para ajudá-lo.

Treinamento para profissionais da área: É inegável a necessidade de incluir todas as pessoas no âmbito do ambiente e serviços oferecidos por bibliotecas, incluindo os portadores de transtorno do espectro autista, população que, conforme dados da ONU (2016), vem crescendo nas últimas décadas. Entretanto, os profissionais que atuam em bibliotecas nem sempre estão preparadas para lidar com estes usuários e necessitam apoio para oferecer serviços qualificados. é possível e relevante indicar caminhos para que as bibliotecas, cada vez mais, consigam inserir todas as pessoas em seus ambientes e nos serviços de acesso à

informação, da maneira menos desigual possível, isto é, para isso é necessário treinamento de profissionais que lidam com todos os públicos para que ninguém seja excluído (HERRON; BUSS,1991; SIMPSON et al. 1991; SUBRAMANIAN et al. 2013; WINSON, COURTNEY, 2010). A formação de profissionais para educação inclusiva é imprescindível, diante de tantas síndromes e transtornos. A inclusão de crianças com autismo nas escolas é fundamental e garantida por lei. Falar de inclusão é referir-se a leis que existem por trás de cada transtorno. É pensar que a partir de leis a inclusão pode ser feita de maneira agradável, mas ter apenas uma lei sobre incluir e não ter um espaço e profissionais adequados para pessoas com deficiência anula as leis. É preciso reajustar leis e a conduta da sociedade quando ao pensamento de uma pessoa com deficiência (ANDREWS, 2014). Nas escolas é preciso ter um atendimento especializado e monitoria de apoio para esses portadores para obter potencialidades e ajudá-lo no que for necessário (BARBEIRO, 2007).

### **Realização de palestras sobre autismo**

É relevante ressaltar a importância de divulgações sobre TEA, a partir do momento em que este transtorno vem crescendo e a sociedade não estar a par do que é que a partir de palestras sobre o tema possibilitarão ter diagnósticos com intervenções precoces, assim possibilitando uma vida de mais autonomia para esses portadores. Além disso, é indispensável a sociedade ter conhecimento acerca do autismo e seus comportamentos a fim de evitar pré-julgamentos (HERRON; BUSS,1991; SIMPSON et al. 1991; SUBRAMANIAN et al. 2013; WINSON, COURTNEY, 2010).

### **Atividades a serem desenvolvidas com Portadores de Transtorno Espectro Autistas**

É fundamental tornar o aprendizado agradável para a criança com TEA e assim ajudá-la a identificar os diferentes estímulos a partir das atividades. A variação de tempo de uma atividade e outra dependem de cada autista, alguns têm mais facilidades com determinado conteúdo e outros mais dificuldades e vice-versa. É preciso conhecer o indivíduo que está em sua frente para poder ajudá-lo, iniciar uma investigação para obter resultados favoráveis.

### **Hora do conto**

Para deixar a hora do conto mais atrativo é possível recorrer a recursos, como fantoches, recursos visuais, como, figuras, realidade virtual, música, e partir desses recursos pode-se iniciar também a criação da história, ajudando esse portador de TEA a desenvolver a imaginação e interpretação. (SEEMAN 2003; AKIN, 2004; MARKEY, 2015).

### **Atividades com animais**

Uma atividade nada convencional, porém traz consigo benefícios com crianças portadoras de TEA a partir da aquisição de linguagem e percepção, atividades realizadas com animais, proporcionam melhores sensações e interações sociais, proporcionando melhorias no desenvolvimento da linguagem (FAROL, 2016).

### **Atividades lúdicas**

Oferecer atividades lúdicas para crianças com TEA é um caminho para obter um vínculo, como, familiares, colegas de sala, professores, monitores e a partir do envolvimento em brincadeiras facilitam o desenvolvimento de habilidades dessa criança promovendo vínculos e socialização com as demais (KLIPPER, 2013; KIMURA, 2018; GHANOUNI, 2019). Existem jogos específicos para serem usados com portadores de TEA, Grossard (2017). É necessário buscar por este tipo de ferramenta ou sensibilizar profissionais e acadêmicos da área de computação para a importância de criar este tipo de recurso (KIMURA, 2018). Klipper (2013) descreve as características que devem ter os aplicativos para portadores de TEA: imagens realistas, número reduzido de imagens, recursos para desativar o som, opções de recompensas, entre outras.

### **Algumas atividades lúdicas que podem ajudar a criar vínculos e o desenvolvimento, são:**

- Jogos de tabuleiro;
- Leitura a partir de grandes imagens;
- Conhecer novos lugares;
- Quebra-cabeça;
- Pular corda;
- Jogar bola;
- Esconde-esconde;
- Bolhas de sabão.

### **Atividades lúdicas desenvolvem benefícios como:**

- Respeitar as regras;
- Desenvolvimento de habilidades;

- Tolerância;
- Respeitar a vez de cada jogador.

Todas estas atividades são benéficas e importantes para o desenvolvimento de portadores de TEA e auxiliam na interação social. Repeti-las com frequência também é importante para fortalecer a segurança e autoestima (BLEW, 1985).

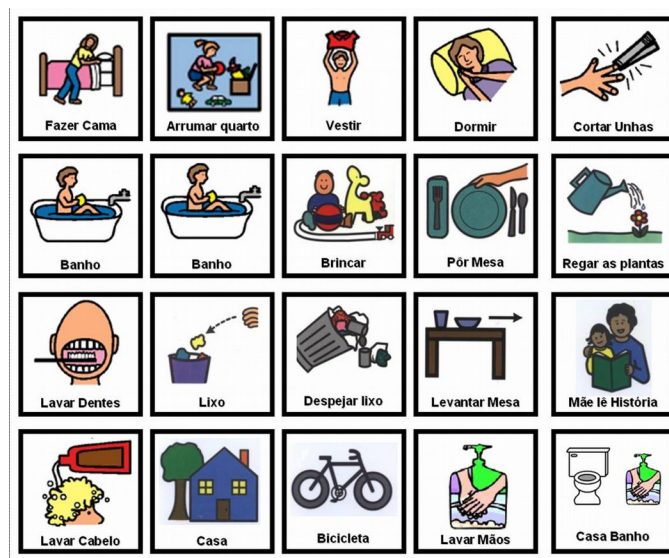
### Recursos de informática

Materiais de informática como jogos educativos podem ser grandes atrativos e facilitadores no aprendizado de portadores de TEA. O uso de tablets para melhor desenvolvimento e programas educativos por meio de intervenção (ARTHANAT, 2013).

### Comunicação facilitada

As denominadas comunicações alternativas visam ajudar crianças, jovens e adultos a poder comunicar-se, um meio de comunicação aumentativa, uma alternativa para pessoas não-verbais ou com a fala prejudicada. Há necessidade de disponibilização de PECS- sistema de comunicação através de troca de figuras ou o uso de aplicativos de comunicação em todos os locais para que pessoas com a comunicação prejudicada possam comunicar-se de forma objetiva (SEEMAN, 2003; ARTHANAT, 2013; FRANCHINI et al, 2017). A figura abaixo mostra um exemplo de PECS)

**Figura 3:** PECS - sistema de comunicação através de troca de figuras



Fonte: Revista Autismo, (2019).

### **Espaços reservados**

É importante estar atento aos aspectos que crianças, adolescentes e adultos com TEA. Um espaço reservado que disponha de um kit sensorial que na estimulação do equilíbrio daquele portador em algum momento difícil, visto que existem picos de comportamentos indesejados em qualquer ambiente. Um local onde possam se sentir seguros e abafadores de ruídos são importantes para aqueles que possuem hipersensibilidade auditiva poderem se autorregular (ANDERSON, 2016).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que os objetivos do trabalho foram alcançados, entretanto, foi possível perceber que ainda há muitas informações para serem mais bem exploradas, sistematizadas e aprofundadas. Sendo assim, acredito que esta monografia representa a finalização do curso de graduação e o início de um novo um caminho que vale ser percorrido. O convívio diário com um portador de TEA associado com os conhecimentos da Biblioteconomia pode ser considerado como um diferencial positivo para continuar explorando esta temática, isto é, a relação dos profissionais da informação e a acessibilidade plena.

Durante o processo de busca de material bibliográfico ficou claro a falta de material no idioma português, reforçando a ideia de que se trata de um campo pouco estudado no Brasil, especialmente na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação. O processo de busca mostrou que além de escassas no idioma português, as informações sobre o tema bibliotecas e autismo precisam ser organizadas para serem disseminadas de maneira qualificada para a sociedade em geral assim como familiares, escolas e universidades.

A realização de ações no ambiente das bibliotecas e a divulgação de seus resultados é que irão construir um conhecimento mais sólido sobre como melhor planejar ações e atividades que integrem portadores de TEA em unidades de informação.

O guia prático para acessibilidade, cuja criação teve início neste trabalho, precisa ser aperfeiçoado para representar uma ferramenta que auxilie de maneira qualificada os profissionais bibliotecários, especialmente no que se refere às estratégias de identificação deste tipo de usuário que não apresenta características físicas específicas, assim como nos serviços e produtos oferecidos.

## REFERÊNCIAS

- ADAM. Direção: Max Mayer. Estados Unidos da América: Serenade Films, 2009. 1 DVD (99 min).
- AKIN, L; D. MacKinney. Autism, literacy and libraries. **Children and Libraries: The Journal of the Association for Library Service to Children**, v. 2, n. 2, p. 35-43, 2004.
- ANDERSON, A. Autism and the Academic Library: A Study of Online Communication. **College & Research Libraries**, v. 79, n. 5, p. 645-658, 2018.
- ANDERSON, A. M. **Wrong Planet, right library: college students with autism spectrum disorder and the academic library**. 2017. Dissertation (Doctor of Philosophy) - College of Communication and Information, Florida State University, Tallahassee, Florida.
- ANDREWS, P. Autism awareness for school and children's librarians. **CILIP UPDATE with gazette**, v. 24, 2014.
- ARENDETT, C. A. R. **A historicidade de educação especial da década de 1960 até os dias atuais**. In: V Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial. Londrina, 2009.
- ARTHANAT, S. et al. Comparative observations of learning engagement by students with developmental disabilities using an Ipad and computer: a pilot study. **Assist Technol**, v. 25, n. 4, p. 204-213, 2013.
- ATYPICAL – 1º temporada. [Sitcom-vídeo]. Direção: Seth Gordon, Michael Patrick Jann e Joe Kessler. Estados Unidos: Netflix, 2017. 240 min.
- BAKER, L. M. "Diversão e jogos: conectando para aprender." **Revista Internacional de Deficiência, Desenvolvimento e Educação**, v. 59, n. 1, p. 119-123, 2012.
- BARBEIRO, N. Revisão do apoio aos alunos com distúrbios do espectro autista. **Psicologia da Educação na Prática**, v.23, n.1, p.104-105, 2007.
- BIAZUS, G. F.; RIEDER, C. R. M. Uso da tecnologia assistiva na educação inclusiva no processo de alfabetização de escolares: revisão sistemática. **Revista Educação Especial**, v. 32, 2019.
- BLEW, PA, et al. Teaching functional community skills to autistic children using nonhandicapped peer tutors. **Journal of Applied Behavior Analysis**, v. 18, n. 4, p. 337–342, 1985.
- BRASIL. **Decreto Nº 6.949**, de 25 de agosto de 2009. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6949.htm)
- BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência - Estatuto da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 21 out. 2019.

BRITES, Clay; BRITES, Luciana. **NeuroSaber**. [S. l.], 2015. Disponível em: <https://neurosaber.com.br/>. Acesso em: 10 out. 2019.

BOMFIM, K. C. V. **Pessoas com Espectro Artístico na comunicação com as bibliotecas: o catálogo como interface**. Brasília: Universidade de Brasília.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia e Sociedade** [online]. 2009, vol.21, n.1, pp.65-74. ISSN 0102-7182. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822009000100008> Acesso em 21 abr. 2019.

COATES, H. Autism Spectrum Disorders: Wading through the Controversies on the Web. **Medical Reference Services Quarterly**, v. 28, n. 3, p. 259-267, 2009.

COSTA, M. K. A.; DUARTE, A. B. S. A (in)acessibilidade nas bibliotecas universitárias: a interação entre o bibliotecário de referência e o usuário com deficiência. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, n. 2, p. 161-178, 2017.

CHRISTOFARI, A. C.; BAPTISTA, C. R. Avaliação da aprendizagem: práticas e alternativas para a inclusão escolar. **Revista Educação Especial**, v. 25, n. 44, p. 383-398. set./dez. 2012.

DINIZ, D.; BARBOSA, L.; SANTOS, W. R. Deficiência, direitos humanos e justiça. **Sur, Revista Internacional de Direitos Humanos**, São Paulo, v. 6, n. 11, dec. 2009.

DINIZ, F. J. da C. **Autismo, ambiente escolar e obstáculos no processo de ensino-aprendizagem**. 2016. 21f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia a Distância), Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

EM UM Mundo Interior. Direção: Flavio Frederico, Mariana Pamplona. Brasil: Elo Company, 2017. 1 DVD (75 min).

FAROL das Orcas. Direção: Gerardo Olivares. Argentina e Espanha: Historias Cinematograficas Cinemania, 2016. 1 DVD (110 min).

FIGUEIRA, E. **Caminhando em silêncio: uma introdução à trajetória da pessoa com deficiência na história do Brasil**. São Paulo: Giz Editorial, 2008.

FRANCHINI, M.; GLASER B.; WILDE, H. W.; GENTAZ, E.; ELIEZ, S.; Schaer, M. Social orienting and joint attention in preschoolers with autism spectrum disorders. **Plos One**, v.12, n.6, 2017.

GANZ, J.B. Ganz, J.B.; Morin, K.L.; Foster, M.J.; Vannest, K.J.; Genç Tosun, D.; Gregori, E.V.; Gerow, S.L. High-technology augmentative and alternative communication for individuals with intellectual and developmental disabilities and complex communication needs: A meta-analysis. **AAC: Augmentative and Alternative Communication**, v. 33, n.4, p.224-238, 2017.



GHANOUNI, P. Social stories for children with autism spectrum disorder: Validating the content of a virtual reality program. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, Germany, v. 49, n. 2, p. 660-668, 2019.

GROSSARD, C. Serious games to teach social interactions and emotions to individuals with autism spectrum disorders (ASD). **Computers & Education**, v. 113, p. 195-211, 2017.

GUEDES, N. P.S.; TADA, I.N.C. A Produção Científica Brasileira sobre Autismo na Psicologia e na Educação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** [online]. 2015, vol.31, n.3, pp.303-309. Acesso em <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015032188303309> Acesso em 18 abr. 2019.

HERRON, E.; BUSS. **Projeto ACESSO**: Prestação de apoio e assistência técnica a escolas rurais que atendem alunos com autismo, 1991.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas de população**. Publicado em 1 jun. 2018. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=resultados> Acesso em: 14 mai. 2019.

JARROLD, C.; CONN. **The development of pretend play in autismo**. The Oxford handbook online. Oxford: Oxford University, 2011.

KELLUJO, H. G. The Autistic Spectrum: A Parents' Guide to Understanding and Helping Your Child. **Library Journal**, v. 126, n. 0, p. 204, 2001.

KLIN, A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 28, supl. 1, p. s3-s11, 2006.

KLIPPER, B. Apps and Autism: Tools to Serve Children with Special Needs. **American Libraries**, v. 44, n. 6, p. 36-39, jun 2013.

KLIPPER, B. Making Makerspaces Work for Everyone: Lessons in Accessibility. **Children & Libraries** , v. 12, n. 3, p. 5-6, 2018.

KIMURA, A. Defining, evaluating, and achieving accessible library resources: A review of theories and methods. **Journal of Postsecondary Education and Disability**, v. 46 , n. 3, p. 425-438, ago 2018.

KOLAYA, Meg; WEISS, Dan. **Libraries and Autism: We're Connected**. [S. l.], 2008. Disponível em: <http://www.librariesandautism.org/>. Acesso em: 10 out. 2019.

KRUEGER, K. S; STEFANICH, G. P. The School Librarian as an AGENT of Scientific Inquiry for Students with Disabilities. **Knowledge Quest**. v. 39, n. 3, p. 40-47, 2011.

LAFFEY, J. M., et al. Distance Learning for Students with Special Needs through 3D Virtual Learning. **International Journal of Virtual and Personal Learning Environments** 5(2): 15-27, 2014.

LANNA JUNIOR, M. C. M. (Comp.). **História do movimento político das pessoas com deficiência no Brasil**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.

LONGTIN, S. Using the College Infrastructure to Support Students on the Autism Spectrum: Working with Behavioral Disorders. **Journal of Postsecondary Education and Disability**, v. 27, n. 1, p. 63-72, set 2014.

LOPES, E. R. B. **Autismo: trabalhando com a criança e com a família**. São Paulo: Edicon Auma, 1997.

LOUCOS de Amor. Direção: Petter Naess. Estados Unidos da América: Millennium Films, 2005. 1 DVD (94 min).

MAIOR, I. **Deficiência e diferença**. São Paulo: café Filosófico, Instituto CPFL. 2016. Disponível em: [http://tvcultura.com.br/videos/55947\\_deficiencia-e-diferencas-izabelmaior.html](http://tvcultura.com.br/videos/55947_deficiencia-e-diferencas-izabelmaior.html)

MAIOR, I. **História, conceito e tipos de deficiência**. São Paulo: Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2015. Disponível em: <http://violenciaedeficiencia.sedpcd.sp.gov.br/pdf/textosApoio/Texto1.pdf>

MANTOAN, M. T. E.; Ensinando a turma toda: as diferenças na escola. **Pátio – Revista Pedagógica**. Porto Alegre, v. 5, n. 20, 2002.

MARCOLINO, A. R.; FILHO, C. M. de C. Biblioteca Escolar e os usuários especiais: O profissional da informação frente ao desafio da inclusão. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande. v. 28, n. 2, p. 9-25, 2014.

MARKEY, P.T. Introduzindo uma habilidade de busca de informações em uma biblioteca escolar para alunos com transtorno do espectro do autismo: usando modelagem de vídeo e solicitações da menor para a maioria. **School Library Research**, v.18, 2015.

MARQUES, M. B.; MELLO, A. M. S. Ros de Teacch: treatment and education of autistic and related communication handicapped children. In: CAMARGOS JR., Walter (coord.). **Transtornos Invasivos do Desenvolvimento: 3º Milênio**. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 2005.

MCALLISTER, K.; HADJRI, K. Inclusion and the special educational needs (SEN) resource base in mainstream schools: Physical factors to maximise effectiveness. *Support for Learning*, Oxford, v. 28, n. 2, 57-65, 2013.

MEC - Ministério da Educação. **Política de atividade inclusiva**. Publicado em: 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/politica-de-educacao-inclusiva> Acesso em: 14 mai. 2019

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático**. 7. ed. São Paulo: AMA - Associação de Amigos do Autista, 2007. 114 p.

MELLO, S.A.; CARRARA, K. (orgs.). **Introdução à psicologia da educação: seis abordagens**. São Paulo: Avercamp, 2004.

MENDES, K. D. S; SILVEIRA, R. C. C. P; GALVÃO, C. M. Revisão Integrativa: Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto contexto: enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008.

MENDES, M. A. S. **A importância da ludicidade no desenvolvimento de crianças autistas**. 2015. 54 f., il. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Brasília, 2015.

MENINO Cavalo. Direção: Michel Scott. Estados Unidos da América: Zeitgeist Films, 2009. 1 DVD (93 min).

MIRANDA, S. N. Acessibilidade em bibliotecas: de Ranganathan à agenda 2030. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, p. 1669-1683, 2017.

MISSÃO Especial. Direção: Gregg Champion. Estados Unidos da América: Platina Filmes, 2004. 1 DVD (88 min).

MORAES, R. UMA TEMPESTADE DE LUZ: A COMPREENSÃO POSSIBILITADA PELA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA A storm of light: comprehension made possible by discursive textual analysis. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

NEVES, B. C.; PADILHA, M. C. N. A gestão da informação como proposta de inclusão em uma biblioteca especializada. **Transinformação** [online]. 2012, vol.24, n.1, pp.39-46.

NILSSON, I. Temas sobre desenvolvimento: a educação de pessoas com desordens do espectro autístico e dificuldades semelhantes de aprendizagem. **Edições científicas**, v. 12, n. 68, 2003.

NUNES, D. R. de P.; AZEVEDO, M. Q. O.; SCHMIDT, C. Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão de literatura. **Revista Educação Especial**, v. 26, n. 47, 2013.

OLIVEIRA, H.; OLIVEIRA, P. **Autismo e Realidade**. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/>. Acesso em: 8 out. 2019.

OLIVEIRA, I. M.; VICTOR, S. L. A criança com autismo na brinquedoteca: percursos de interação e linguagem. **Revista Educação Especial**, vol. 31, n. 62, 2018. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>. Acesso em 2 mai. 2019.

ONU, Organização das Nações Unidas no Brasil. Dia Mundial **de Sensibilização para o Autismo – 2 de abril de 2009**. Publicado em 02/04/2009. Disponível em <https://nacoesunidas.org/dia-mundial-de-sensibilizacao-para-o-autismo-2-de-abril-de-2009/>. Acesso em 20 de out. 2019.

ONU, Organização das Nações Unidas no Brasil. **Organização Pan-Americana da Saúde esclarece mitos sobre vacinação**. Publicado em 03/03/2017. Disponível em

<https://nacoesunidas.org/organizacao-saude-esclarece-mitos-sobre-vacinacao/>. Acesso em 20 out. 2019.

ONU, Organização das Nações Unidas no Brasil. **Rejeitar pessoas com autismo é ‘um desperdício de potencial humano’, destacam representantes da ONU**. Publicado em 07/04/2016. Disponível em <https://nacoesunidas.org/rejeitar-pessoas-com-autismo-e-um-desperdicio-de-potencial-humano-destacam-representantes-da-onu/>. Acesso em 03 mai. 2019.

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. **Folha informativa - Transtorno do espectro autista**. Publicado em: abril de 2017. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?Itemid=1098> Acesso em: 14 mai. 2019.

PRISIONEIRO do Silêncio. Direção: Robert Allan Ackerman. Estados Unidos da América: Columbia Broadcasting System (CBS), 1994. 1 fita de vídeo (90 min), VHS, son., color.

**REVISTA AUTISMO**. [s. L.]: Independente, v. 6, 2010. Trimestral. Disponível em: <https://www.revistaautismo.com.br/>. Acesso em: 15 out. 2019.

ROCHA, E. P. da; FERREIRA-VEASQUES, A. T.; LAMÔNICA, D. A. C. Instrumentos de intervenção curricular para ensino de aprendizes com o Transtorno do Espectro Autista: revisão integrativa. **Revista CEFAC**, v. 21 n. 2, 2019. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0216/20192126118> Acesso em 14 mai. 2019

SANTOS, M. P.; DINIZ, C. N. A inclusão dos usuários com transtorno de espectro autista pela prática do letramento informacional na biblioteca escolar. **Revista ACB: Associação Catarinense de Bibliotecários**, v. 23, n. 1, p. 92-106, 2018. Disponível em <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1413> Acesso em 04 abr. 2019

SANTOS, M. P.; DINIZ, C. N.; FERNANDES, Ediclea Mascarenhas. Acessibilidade informacional para usuários com transtorno de espectro autista na biblioteca. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBBB)**, v. 13, n. esp. CBBB 2017, p. 1863-1882, 2017. Disponível em <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/906> Acesso em 04 abr. 2019.

(São Paulo) (Ed.). Stimulus: ABA. Disponível em: <https://stimulusaba.com.br/>. Acesso em: 15 nov. 2019.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Memorial da Inclusão. **30 anos do AIPD: ano internacional das pessoas deficientes 1981-2011**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011.

SEEMAN, C. Thinking in Pictures: And Other Reports from My Life with Autism. **Library Journal**, v. 128, n. 12, p. 47, 2003.

SETÚBAL, J. L. **Instituto Pensi**. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://institutopensi.org.br/>. Acesso em: 13 out. 2019.

SIMPSON, R. L, et al. Social Skills for Students with Autism. Second Edition. **CEC Mini-Library: Working with Behavioral Disorders**, 1991.

SIMPSON, R. L., et al. *Social Skills for Students with Autism*. Second Edition. CEC **Mini-Library: Working with Behavioral Disorders**, 1997.

STROPARO, E. M.; MOREIRA, L. C. O papel da biblioteca universitária na inclusão de alunos com deficiência no ensino superior. **Revista Educação (UFSM)**, v. 41, n. 1, 2016.

SUBRAMANIAM, M., et al. School Librarians as Ambassadors of Inclusive Information Access for Students with Disabilities. **School Library Research**, v. 16, 2013.

TEMPLE Grandin. Direção: Mick Jackson. Estados Unidos da América: HBO Films, 2010. 1 DVD (107 min).

THE GOOD Doctor. Direção: Ron French, Freddie Highmore, Konshik Yu, Min Soo Kee e Shawn Williamson. Estados Unidos da América: Sony Pictures Television, 2017.

THE STORY of Luke. Direção: Alonso Mayo. Estados Unidos da América: Fluidity Films, 2012. 1 DVD (95 min)

THOMAS, C. A Review of Autism-Society.org: The views of frontline professionals. **Journal of Consumer Health on the Internet**, v. 21, n. 3, p. 284-296, 22 set 2017.

TUDO Que Quero. Direção: Ben Lewin. Estados Unidos da América: Imagem Filmes, 2017. 1 DVD (93 min).

UNESCO. **Orientações para a inclusão**. Assegurar o acesso à Educação para Todos. Paris, UNESCO, 2005.

VASQUES, C. K. Cartografia de um novo olhar: sobre a escolarização de sujeitos com autismo e psicose infantil. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 3, n. 3, p. 428-441, 2008. Disponível em: [http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3811?locale=pt\\_BR](http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3811?locale=pt_BR).

VASQUES, C. K. **Alice na biblioteca mágica**: uma leitura sobre o diagnóstico e a escolarização de crianças com autismo e psicose infantil. 2008. 195 f. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

WERNER, Andréa. **Lagarta Vira Pupa**. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://lagartavirapupa.com.br/>. Acesso em: 20 out. 2019.

WILLIAMS, P . Using information and communication technology with special educational needs students: The views of frontline professionals. **ASLIB Proceedings**, v. 57, n. 6, p. 539-553, 2005.

WINSON, G.; COURTNEY, A. Library and autism programs combine to serve special audience. **Children Libraries: the journal of the Association for Library Service to Children**. v.8, n. 2, p.15-17, 2010.

WRIGHT, Bob; WRIGHT, Suzanne. **Autism Speaks**. Nova Iorque, 2005. Disponível em: <https://www.autismspeaks.org/>. Acesso em: 10 out. 2019.